

CENONTOLOGIA

Dissertação philosophica sobre a CENONTOLOGIA ou a Evolução Religiosa, encarada sob o triplice ponto de vista dynaminologico, moral-ontologico e social.

« Le Christianisme a joué et joue encore dans le monde un rôle trop important pour qu'on le puisse passer sous le silence.

(CHARLES LETOURNEAU.)

Lamentavel e bem triste é a crise que ora atravessamos, crise formidanda — em que as cousas e os homens de novo levantam questões, e formulam problemas cada vez mais intrincados e difficeis. A cada passo, prevalece uma criteriologia apaixonada, tresandando a um racionalismo carunchoso, galvanisado pelo empirismo e posto em molêtas pelo materialismo coetaneo.

Este facto deploravel, com todos os seus principios

e em todas as suas consequencias, repete-se nos livros modernos—*A Biblia na India*—de Jacolliot, na *Philosophia da Razão Pura*, de Schoebel; nos *Conflictos da Sciencia*, do Draper; na *Sciencia da Religião*, de Max Muller; no *Homem segundo a Sciencia* de Büchner; na *Sciencia social*, de Herbert Spencer; na *Evolução Religiosa*, de Letourneau, e sobretudo e principalmente verificamol-o no *Grande Diccionario* de Larousse, aonde abundam já os argumentos capciosos de Spinoza, já os sarcasmos insultuosos do patriarcha de Ferney, já os sophismas vaporosos do cidadão de Genebra, já as affirmações insidiosas de Draper, já as obsolétas e tremendas invectivas arremessadas em face da Egreja pelos adherentes de Darwin, Tyndal, Lubbock Haeckel e Huxley.

A atmosphera das idéas evolucionistas está em voga, a onda da opinião publica de camaradagem com as hypotheses modernas brame furiosa e ameaça tudo arrojar no pego insondavel de suas descobertas e theorias insufficientemente conhecidas.

Eis aqui uma phrase bem caracteristica de Huxley,—o celebre professor de paleontologia na Escola das minas Britannicas:—«O nosso inimigo (fallo-vos como um homem de Sciencia) é a Egreja Catholica, *unica organisação espiritual grande*, capaz de resistir e que se oppõe com effeito aos progressos da sciencia e da civilisação moderna, porque é para ella uma questão de vida ou de morte...» Eguaes asserções mais ou menos gratuitas são proclamadas por entre uma chuva de epithetos pelos cultores e asséclas das sciencias meramente hypotheticas.

Se do terreno das deslumbrantes theorias modernas passamos para os dominios da analyse sociologica da evolução politico religiosa, os homens que vivem baralhados na lucta das idéas chegam quasi todos a mesma conclusão que não ha muito formulava o grande estadista Guizot:—«Por toda a parte deparei dois factos, e por toda a parte os mesmos, que são: uma grande complicação e uma grande incerteza nas idéas e nos esforços. Nada de simples; ninguem se decide. Todos os problemas e todas as duvidas pesam a um tempo sobre

o pensamento e sobre a vontade. A ambição é immensa e infinitamente variada, a hesitação é geral. Dir-se-hia viajores já mui lassos que buscam ás apalpadellas a sua avenida n'um labyrinto. A razão d'isto é bem simples; as sociedades não mais querem saber de doutrinas, os interesses são—toda a base da sua moral evolucionista, de sua vida e dos seus progressos; os politicos hoje não tem principios e só vivem d'expedientes; d'ahi nasce o scepticismo das intelligencias, e a flexibilidade das vontades.»

Não nos é dado inquirir agora a causa do odio que muitos votam a Religião, apenas queremos chamar a attenção dos contemporaneos para essa mania anti-catholica; a estes e semelhantes dizeres hemos de oppor pensamentos energicos e sublimes, nos quaes constaremos o ACCORDO PERFEITO, que une a sciencia com a fé. Não é nosso intuito convencer a ninguem, e sim, provar que a Egreja tanto se oppõe hoje á evolução das questões puramente scientificas, quanto se oppoz outr'ora á livre diffusão das artes e das descobertas; se algumas hypotheses, como as de Galileu, foram a principio combatidas por ecclesiasticos, nunca a Egreja como corpo collectivo, como mestra infallivel da verdade, impoz a seus adeptos a crença contraria, facto que já provamos e ensinamos em as nossas «BREVES LICÇÕES *sobre sciencias naturaes e philosophicas.*» Nesta dissertação philosophica, força é confessar, não pretendemos alimentar polemica com quem quer que seja sob pena de irmos muito alem dos limites que nos impuzemos.

A polemica a emprazaremos para quando estamparmos o nosso livro sobre as verdadeiras bases do Evulucionismo religioso relativamente ao seu passado, seu presente, e seu futuro, obra, que esperamos, publicar em contradicta ao modernissimo livro do Snr. Charles Letourneau—L'EVOLUTION RELIGIEUSE DANS LES DIVERSES RACES HUMAINES.

Uma só cousa desejamos affirmar;—é que se alguns materialistas ainda suppoem a Egreja indifferente ou hostil á evolução das sciencias, já estamos, no dizer de

um livre pensador, muito aquem da *guerra dos deuses*, de Parny, de Veron, de Edmond About, e da *critica* jacobina, e brutal dos aprendizes *infra medianos* de Mr. Arouet, de voltaireana memoria!... Os symbolos christãos já para a critica moderna não mais hão de ser aquelles absurdos picarescos que provocavam o riso e a facecia mas sim a representação theologica de verdades e de cousas inteiramente respeitaveis!... Dentro dos mysterios do christianismo ha IDÉAS SUBLIMES e GRANDIOSAS, não tanto para o coração dos crentes, como para os olhos dos philosophos.

Hoje para Comte, para Littré, para Taine, para Lanessan, Mantegazza, Hartmann, Bain e Renan o Christianismo é uma cousa seria e grave, que, embora se discuta ou ataque no terreno movediço do racionalismo ou do *positivismo*, só se ousa fazel-o com a consciencia de que o martello bate sobre a terrivel bigorna, que ha resistido a dezenove seculos de percussão.

Foi reconhecendo este facto que o illustre professor d'anthropologia na escola de Pariz, o Snr. Letourneau, vio-se obrigado a dizer em os seus rapidos estudos sobre o Christianismo o seguinte: « *Cette Religion a joué et joue encore dans le monde un rôle trop important pour qu'on la puisse passer sous silence.* »

Antes, pois, de começar a nossa dissertação sejanos licito clamar com o Doutor Luiz Buchner: « Treguas ás abjurgatorias; é tempo de dizer afoutamente que o scepticismo o mais insipido é o que põe em duvida os dados da mais escrupulosa observação; não ha infamia maior e mais grosseira do que a que tem em desconfiança as logicas conclusões d'um juizo bem fundado. »

Isto posto, podemos já entrar no vasto templo da sciencia, que vamos estudar.

O PONTO DE VISTA DYNAMINOLOGICO.

A dynaminologia, que tem por objecto o estudo das faculdades psychologicas, comprehende tambem os pontos de vista—ideologico e criteriologico.

Nos principios da psychologia racional estão como que contidas as bases da evolução religiosa.

No homem existem dous principios, dous seres, um que é o *eu*, causador ou participante, e o outro que não é o *eu*, que é o nosso corpo, onde effectuam-se phenomenos de que o *eu* participa, e phenomenos do que o *eu* não participa.

E se aquelles que emanam do corpo, e de que não temos consciencia, e, sobre as quaes é impossivel que o *eu* influa directamente, são por isso mesmo independentes do *eu*, os phenomenos cujo factor é o *eu*, e que só se passam no *eu*, são tambem independentes do *corpo*: cada uma destas ordens obedece ás suas leis especiaes. Mas a par d'esses phenomenos independentes ha outros, aos quaes o *eu* associa-se, e outros de que elle é o proprio agente, e que faz participar ao corpo. São estes ultimos phenomenos, que provam claramente que, apesar de ser o corpo e o espirito duas substancias differentes, entretem todavia um commercio reciproco.

As profundas reflexões do illustre Jouffroy demonstram que ha no homem duas classes bem distinctas de phenomenos, os physiologicos, e os psychologicos, e que a separação entre a psychologia e a physiologia firma-se em uma base solida, mas nos deixam ignorar que, alem d'estas duas sciencias, existe uma outra que se occupa dos phenomenos que participam das duas origens, e que patenteam as relações entre a materia e o espirito, sciencia que não escapou ao genio de Bacon, e que elle chamou—*Doutrina ou Sciencia da união da alma e do Corpo*,—e a que Cabanis deu o nome de—*Relações do physico e do moral do homem*, se bem que descambasse para a escola sensualista de Tracy e Condillac.

O grande Bossuet, parece, estava bem compenetrado da existencia d'essas tres sciencias, que elle expoz admiravelmente em cada uma das partes da sua sublime obra—*Tratado do conhecimento de Deus e de si mesmo.*

Verdade é que posto a physiologia preste muitos soccorros á psychologia e seja indispensavel para o conhecimento dos phenomenos que tem condição organica,

não é menos certo que os adminiculos prestados pela psychologia á physiologia são de muito maior importancia.

Estas duas sciencias esclarecem-se mutuamente, mas não deixam por isso de ser distinctas. e hoje não é licito confundir a PSYCHOLOGIA com a PHYSIOLOGIA sob pena de se não conhecer a natureza do homem.

O autor da *moral evolucionista* assim explica estes principios dynamilogicos: — « O espirito se compõe de sentimentos e de relações entre os sentimentos. Por uma combinação das relações e das idéas de relações, nasce a intelligencia. Por uma combinação dos sentimentos e das idéas de sentimentos, nasce a emoção. A grandeza da evolução da intelligencia ou da emoção é proporcional á grandeza da combinação. Uma das proposições necessarias que d'ahi resultam, é que o conhecimento é tanto mais elevado quanto mais se affasta da sensação.

Não é nosso intuito entrar na analyse dos diversos corollarios d'esta larga vista da evolução psychologica, procuraremos apenas esboçar aquelles que concernem aos phenomenos do mundo espiritual.

O primeiro d'estes phenomenos é o que constitue o ponto de vista *ideologico*. Os outros entrarão como elementos de *criteriologia* sob suas diversas acções reflexas.

O PONTO DE VISTA IDEOLOGICO.

O mundo moral é uma consonancia mysteriosa e inexplicavel do mundo physico; ninguem anhelaria viver, se a vida fosse despojada dos sentimentos do bello e do infinito que nos revela a propria natureza creada.

Mas este *genesis*, esta força plastica, esta combinação atomica, esta vida moral do homem não tem existencia real para nós, emquanto não vem unir-se aos phenomenos das idéas que compoem o terceiro mundo da intelligencia.

A vida animal é uma dupla vibração physica e instinctiva; a vida do homem é uma triplice vibração, e a consciencia d'esta vida só se revela no momento em que o pensamento affirma nossas sensações e nossos senti-

mentos. N'este instante, *in illo*, principia a historia da evolução religiosa.

O primeiro Livro, o que remonta á mais afastada antiguidade é o *Genesis* de Moysés. Este livro divino toca todos os ramos do conhecimento humano e contem em si o principio de todos os problemas, a que a sciencia moderna se propõe hoje e procura resolver. Na Biblia está contida a expressão de toda a verdade scientifica. Ora o *Genesis*, a Biblia emfim, é apenas uma historia. E o que reza essa historia?—Refere-nos fielmente e em termos claros que a primeira educação do homem se fez pela intelligencia; que a sua primeira sciencia foi a que Deus, a suprema Intelligencia, lhe communicou, e que o seu primeiro desenvolvimento operou-se pelo contacto d'alma com a verdade infinita.

E quaes são os primeiros elementos do mundo intellectual? As idéas. E qual é a origem das idéas? Calorosas discussões travaram-se entre os philosophos sobre um tal problema.

Uns como Aristoteles, Bacon, Locke, Laromiguiére, recorreram ao systema das idéas adqueridas para resolvel-o; outros como Platão, Descartes, Leibnitz, Malebranche, Fenelon, Gerdil—ao systema das idéas innatas.

Segundo Aristoteles as idéas nascem dos sentidos ou por outra do *universal*, que repousa na alma. *(Analyt.* Liv. 2.º Cap. 19.)

Para Locke a reflexão é o INTELLECTUS AGENS, tal qual deveria concebel-o um discipulo de Bacon. Sem conter alguma noção *a priori*, a reflexão recebe todas as sensações, que Locke chama idéas, e estas idéas formam todos os nossos conhecimentos. Os stoicos, nomenalistas e os discipulos de Locke recorreram á theoria da linguagem para explicar esta incomprehensivel metamorphose das sensações em idéas.

Nos tempos mediévos affirmou-se que as idéas eram palavras, *flatus vocis*, sensações pronunciadas, que a linguagem transformava em signaes representativos.

A palavra era por conseguinte a idéa e a condição do pensamento.

Na impossibilidade de encontrar fóra de nós as primeiras idéas indispensaveis á formação do pensamento, somos forçados a procural-as em nós mesmos e recorrer á segunda hypothese, á das idéas innatas.

Esta hypothese remonta a Platão:—segundo o seu dizer, *todas as* IDÉAS SÃO INNATAS; elle a principio considerou-as como seres independentes, e, mais tarde, seus discipulos reputaram-nas como os representantes dos pensamentos divinos.

Leibnitz privou as idéas innatas da sua especialisação; as julgava em potencia no espirito como a estatua está no bloco de marmore; ellas são como veias interiores que lhe determinam os contornos.

O espiritista Kant com o FIAT quasi omnipotente do seu genio e da sua inspiração, depois de haver contraposto ás formas ideaes do universo as sensações fugitivas do *intellecto agente,* estudou estas veias interiores, e as reduziu a doze determinações intellectuaes, que elle colloca tres a tres sob as quatro categorias—de quantidade, de qualidade, de relação e de modalidade. Taes são os differentes molos do juizo.

Em nossos dias, a analyse simplificou os doze elementos de Kant. Hegel os reduziu a tres; Cousin só admitte as noções de causa e de substancia; Rosmini admitte somente uma categoria.

A hypothese das idéas innatas transigiu um pouco com a hypothese contraria, que queria reconduzil-a á origem das sensações; mas ella tem-se aperfeiçoado successivamente, e sua perfeição consiste em entrar nos limites de todas as hypotheses, isto é, em suppor o menos possivel para tudo explicar.

Leibnitz ajuntou á maxima da escola *Nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu* aquelle admiravel correctivo: *Nisi ipse intellectus,* isto é: «Nada existe no entendimento que não passe pelos sentidos, a *não ser o proprio entendimento*». De feito, o entendimento não é uma simples capacidade passiva, é alguma cousa real; mas não existe nada real sem propriedades, sem determinações proprias. Não existem sequer taboletas

vasias, onde nada absolutamente esteja traçado, onde visemos um plano perfeitamente liso e uniforme Pela mesma razão, o entendimento não pode ser uma capacidade van, nua, sem nada virtual, sem nada premeditado. Nelle devem existir virtualidades, habitos, disposições naturaes, leis em summa, e é a este conjuncto de leis que se chama *idéas* ou principios *innatos*. *(Paulo Janet. Psychol; C. 8.º p. 212.*

Uma de duas: ou as idéas vem dos sentidos e do sentimento, ou são revelações do espirito que se manifestam em nós quando são provocadas pela presença dos objectos exteriores., Não ha outra alternativa, é preciso admittir que ellas estão em potencia nas sensações, ou no entendimento.

Para nós está fora de duvida que ha *idéas innatas*, que nós nascemos com certas idéas. Taes são a idéa de causa, a idéa do bem, a idéa do bello e do infinito. Se estas noções não estavam em nosso espirito, nem a sensação nem a palavra poderiam ali reproduzil-as.

No estado presente, a sensação é necessaria mas somente para provocar a reflexão e para excitar o entendimento a indagar a causa dos phenomenos attestados pelos sentidos, e a reconhecer o bem e o bello lá onde se acham. Como se faz esta operação? Aqui só nos cumpre exclamar com o sabio biologista Du-Bois-Reymond:

« *En présence des grandes énigmes de la nature, le philosophe est depuis longtemps habitué a rappeler, avec une mâle énergie, l'ancien verdict écossais:* IGNORAMUS !»

Verdade é, que com o auxilio d'estas idéas, d'estes principios, d'estas noções primeiras, e pela reflexão, nós podemos adquirir idéas novas. Assim da *idéa innata* de causa que se resolve n'este principio ou juizo—não *ha effeito sem causa*—auxiliado pelo senso intimo que tenho de minha existencia ou pela sensação que me attesta a existencia do mundo, eu deduzo a existencia necessaria d'um ser absolutamente primeiro que eu chamo—DEUS. Aqui a idéa de causa é innata, a idéa de Deus é revelada ou adquirida.

Uma vez attingida a idéa do ser primeiro, por pouco que continuemos a reflectir, hemos forçosamente de descobrir uma multidão d'outras idéas ahi contidas, como a infinidade, a eternidade, a immensidade, a intelligencia, a vontade... Parecem outras tantas idéas adquiridas, mas todas partem d'uma primeira idéa innata e directa, que a sensação, que o ensino pode muito bem tornar reflexa, mas nunca pode em nós produzir.

Esta doutrina é tambem a de S. Thomaz d'Aquino.

Vejamos. Os primeiros principios universaes são naturalmente conhecidos *(2.ª questio. p. 47, art. 15)*.

Na razão do homem, ha naturalmente, *(insunt naturaliter* cognita), tanto do que se pode saber como do que se pode fazer; estes principios são como as sementes ou germens das virtudes intellectuaes e moraes *(1.º 2.º qt. 63, art. 1.º)*.

O entendimento conhece os principios naturalmente. —D'este conhecimento provém, no homem, a sciencia das conclusões, que não são conhecidas por elle naturalmente, mas por meio da invenção ou do ensino. *(199. 60. art. 2.)*.

Logo, concluimos com Fenelon, é verdade, e não me engano dizendo que trago dentro de mim, posto que finito, uma idéa, que me representa uma cousa infinita.

O sentimento do infinito, diz Aimé Martin, dá-nos idéa de tudo o que os sentidos não podem alcançar; realisa para nós o desconhecido. O infinito não tem imagem, porque não tem limites; não pode achar-se nem na extensão, nem nos numeros. E' o termo, o principio gerador, que encerra tudo, mas sem absorver a sua obra. E' Deus. O sentimento do infinito não pode pertencer a um ser finito.

Ha, por tanto, em nós outra cousa, alem do nosso corpo, que é finito; esta cousa é a nossa alma immortal. O sentimento do infinito não pode ter uma origem menor que elle;—ha portanto alguma cousa de infinito fóra de nós; e o infinito é Deus!

E' esse Deus o que procuras, oh! minha alma,

por isso que nada do que é finito te detem n'este mundo!

Separa-te de todas as alegrias da terra, porque todas essas alegrias tem fim; tem horror ao limite, porque o limite é o nada: não repousa senão em ti mesma, n'esse infinito, que passa além de todas as humanas paixões, e que ao mesmo tempo é a tua esperança, a tua luz e a tua sociedade!...

Assim o homem é o ponto de união entre a natureza e o seu Creador: tudo o que elle experimenta além dos seus desejos terrenos é uma advertencia da Eternidade.

E' pela intelligencia e pelo amor que a natureza chegou até elle; é pela idéa do bello e do infinito que elle chega até Deus; a cadêa começada na terra não se quebra, vae perder-se no céo.

Logo a idéa do infinito sob o ponto de vista dynamilogico é uma faculdade da alma.

O sentimento do infinito é a terceira luz, que nos revela um Deus.

E' aquelle LUMEN VULTUS EJUS SIGNATUM SUPER NOS—que por segundas causas obra em o nosso espirito aonde está gravado um certo numero de idéas primitivas, e d'onde procedem todas as outras e sem as quaes o nosso intellecto não tem acção.

O homem não as inventou, as possue em si mesmo como em uma fonte e ali estão só aguardando o ensejo para se expandirem, a semelhança da fagulha occulta na veia d'uma pedra, a qual pelo menor attrito rebenta... Resumamos, pois, o que hemos dito. A vida intellectual está no juizo; o primeiro juizo suppõe uma idéa geral; existe em nós uma idéa ontologicamento geral, a do ser, que pela sua qualidade de inneidade torna possivel todos os outros seres. Esta idéa pode desenvolver-se pelo creacionismo tradicional e ennaltecer-se pelo evolucionismo experimental; ella é o ponto culminante em roda do qual se formam todos os nossos conhecimentos; é a LUX VERA QUAE ILLUMINAT OMNEM HOMINEM VENIENTEM IN HUNC MUNDUM; é o FIAT, que derrama torrentes

de luzes sobre as cousas; é o BAGHAVAT, cuja vida é um GENESIS perpetuo, o Verbo, o HOMEM que aclara todos os pensamentos, o *universal* anticipado pelo espirito, o *postulado* necessario do conhecimento, o *substratum* de todas as idéas, o *sol* do mundo intellectual! O que temos expendido affecta somente aquelles phenomenos subjectivos que tem por causa o proprio *eu*, mas fora de nós ha um mysterio que o homem não pode sondar sem se perder, ou no seio de Deus ou da natureza....

Tratemos, pois, de levantar a ponta d'este véo mysterioso com o facho da sciencia da dynamilogia ontologica.

Fóra do *eu*, independentemente do EU, no ponto de vista objectivo, as idéas existem em DEUS; ellas tem sua origem na sua intelligencia, no seu proprio ser, typo de toda perfeição, de todo ser possivel.

Até aqui nada de novo. A questão, porém, é saber como as idéas se acham em nós, d'onde ellas nos vem, como nós as recebemos, como as possuimos.

E' o que procuraremos examinar, expondo os phenomenos taes quaes se apresentam na *biologia* d'alma, taes quaes são perceptiveis pela razão e pela consciencia criteriologica.

Philosophicamente entende-se por *origem* as circumstancias no meio das quaes se produz o phenomeno. Se for empregada a palavra—*origem*—no sentido usual, isto é, se nos perguntarem qual é a primeira forma da *idéa*, cumpre-nos responder que ella não tem *origem*; visto como antes de ser *idéa* ella é *nada*; se confundindo a *origem* da *idéa* com a sua causa, nos perguntarem qual é a sua razão de ser, ou o que é que faz haver *idéas*, outra razão não podemos apresentar senão o poder infinito e a vontade soberana, que de tal sorte estabeleceram as relações do espirito humano com as cousas, que d'essas relações devesse emergir a *idéa*. A formação das idéas depende da efficacia do sujeito com o objecto intelligivel.

Não são, pois, como diz Mr. Cousin, as *idéas* meras *palavras*, nem tão pouco *entes*, ontologicamente fallando.

São concepções da razão natural, e até o rigor da analyse força a referil-as ao principio eterno da razão humana, á razão absoluta, á qual só pertencem, e de alguma sorte são communicadas as outras razões.

As idéas mais importantes, sublimes, ou que comprehendem a universidade intelligivel, são as de Deus, do homem e da natureza. Todas ellas se produzem somente pela acção de um objecto, qualquer que seja, sobre o sujeito pensamento.

De feito, despertada assim a nossa alma, tem ella o sentimento innato de si mesma, ou do EU. Mas estes conhecimentos suppõem necessariamente o conhecimento do não *eu*; porque conhecer a alma a sua existencia é saber onde esta começa, onde acaba, e ter por conseguinte a *idéa* das existencias que a limitam. O sentimento de causalidade ou creação está, pois, ligado ao mesmo facto do conhecimento.

Ora, é este sentimento exactamente o germen evolucionario da idéa de Deus.

Logo as tres grandes idéas procedem de uma só origem, e esta origem é que constitue a base de toda a evolução religiosa propriamente dita.

Seria facil decompor essas noções preliminares.

A idéa do EU nos exhibiria as faculdades e modificações d'alma; a do NÃO EU—todas as formas e propriedades dos corpos; e a de *Deus*, os attributos, que constituem a sua perfeição.

Encarados os phenomenos sob esse triplice aspecto, vejamos como se representam as mais altas formas d'este *processus* mental no ponto de vista ontologico. Entrando por um momento em nós mesmos logo reconheceremos que o *eu que somos* é um *eu* limitado de todas as partes por objectos estranhos.

Estes objectos tem seus modos, suas formas, suas propriedades emfim. A reunião d'estas formas e de certas qualidades constitue os corpos, a reunião dos mundos é o universo. Portanto nós estamos cercados de seres corporeos que a cada passo nos modificam e limitam. Em virtude do movimento que lhes é communicado, quer pela

causa primaria quer pelas causas secundarias, por Deus ou pelos seres creados que possuem em si proprios a *força* de se mover e de mover a *materia*, os corpos produzem sobre nossos orgãos uma impressão, um movimento, uma mudança que é logo experimentada pela alma. (1)

Esta impressão torna-se sensação.

Da sensação resulta uma imagem.

D'esta imagem a intelligencia abstrae ou tira a noção do objecto, que causou a sensação. Esta noção despertada na intelligencia torna-se a idéa. Isto affecta mais a nossa primeira hypothese. Vamos adiante. A sensação, a modificação produzida em nós pelo impulso dos agentes physicos nos avisa que temos a faculdade de sentir, ou de sermos affectados de diversos modos pela acção d'outros seres estranhos.

O acto pelo qual nós abstraimos da imagem sensivel uma noção simples e puramente intellectual do objecto sentido nos patentea a virtude, que temos de conhecer. Então a nossa intelligencia desperta, e dizemos nós mesmos: sentimos, pensamos, logo existimos! *Cogito, ergo sum!*

---

(1) Hoje admitte-se um agente unico de todos os phenomenos physicos, chimicos, mechanicos e astronomicos; este agente é a força, que actua sobre a materia; é variavel e susceptivel de passar por todos os estados de grandeza para uma mesma massa de materia.

Esta força existe no universo material; acceitamol-a como um facto; é ella que rege a materia; a ella se devem todas as transformações, todos os phenomenos que succedem no universo material; basta ella para explicar tambem todas essas transformações passadas como as evoluções presentes e futuras. A força rege a materia;—eis a maxima sobre que se funda—o *dynamismo*, theoria espiritualista em opposição ao *mechanismo*, theoria materialista que diz:—*A materia rege a força*. Os sabios desejando conhecer as causas que mais ou menos lhes impressionaram os sentidos, procuraram tambem indagar as causas dos phenomenos que estudaram, d'ahi as hypotheses que hoje surgem verosimeis umas, inverosimeis outras. Todavia, é facto que o conhecimento das causas não pertence á sciencia experimental, mas á Philosophia.

E pensar, e julgar, e procurar a origem ou as condições do juizo é descobrir a *evolução* ou as condições da actividade intelligente e religiosa do homem. O acto do pensamento ou do juizo suppõe, pois, a pré-existencia d'uma ou de muitas idéas; e não podemos explical-a sem remontar á origem das idéas geraes.

A verdadeira sciencia philosophica consiste precisamente na indicação exacta e racional das causas primas e em se remontar á origem d'estas idéas que, se encontrando no espirito como n'um estado latente, só esperam a illuminação do verbo e o golpe da reflexão para tornar-se luminosas e mostrar-se-nos com todo o esplendor de sua evidencia.

Toda a sabedoria natural acha-se comprehendida em algumas idéas primordiaes, que por sua vez, estão encerradas em uma só *ideia universal*, presente.

Eis como ellas se manifestam. Em minha intelligencia eu possuo a razão, isto é, a potencia de remontar do effeito a causa.

Já reconheci que existia, e que fora de mim existiam outros seres. Mas nem sempre eu existia; este ser que tenho e que sou, eu o recebi d'um outro; eu existo pois pela acção d'um outro ser.

Quem é este *alter ego*, este outro ente? Será o mundo que me cerca? Mas a observação faz-me logo reconhecer que goso de certas faculdades que o mundo material não possue, e que, conseguintemente, não poude dar-me, taes como a razão, a consciencia, e a liberdade; depois eu constato,—que n'este mundo nenhum ser existe por sua propria essencia, que nenhum existe necessariamente, que todo o ser creado pode começar a existir, e deixar de existir.

Este mundo, egualmente como eu, não possue em si proprio a razão de sua existencia; porque o ser que possue em si a razão de sua propria existencia não pode deixar de existir. Logo sou forçado a confessar e concluir que, como eu, o mundo recebeu o ser por participação d'um outro.

Este outro ser, em ultima analyse, não é mais do que um ser primeiro, que existe por sua essencia, principio e fim de tudo o que é e pode ser; possuindo em si proprio todo o ser e toda a perfeição possivel; eterno por conseguinte e infinito:—só elle *existindo* propriamente. *Ipse solus est.*

Em verdade só elle pode dizer;—Eu sou quem sou: EGO SUM QUI SUM; só eu existo de toda a eternidade, e fora de mim nenhum ser existe, e só no meu ser se contem toda a perfeição, todos os elementos necessarios do ser:—*Ego sum solus et preter me non est alius.*

E' assim que inquirindo a razão e a causa da existencia do mundo e da minha, chego a conceber a noção do primeiro ser. Esta noção, a principio confusa, ainda não é scientifica, porque não é precisa, nem completa ainda. Só depois de minunciosa e voluntaria cogitação dos phenomenos é que o observador attento pode elevar esta idéa vaga e incompleta á distincção e exacção de um conhecimento scientifico.

Porque o espirito é uma faculdade de conhecer que na sua evolução e exercicio está sujeito a certas condições; as quaes prehenchidas, entra elle em exercicio, evolue, e conhece só pela razão de ser dotado da *virtude innata de conhecer*, como disse Cousin.

De tudo isto resulta que só Deus é a forma simples, absoluta. O ser divino effectivamente não é recebido na essencia divina, que com elle forma uma e a mesma causa, como dizem os escolasticos.

O existir, e existir necessariamente é proprio da essencia de Deus.

Deus não se compõe de ser e de essencia, d'acto e de potencia; elle é a forma *absolutamente simples*, o acto purissimo. Em uma palavra, Deus, como creador, é sem duvida alguma o primeiro principio de tudo o que existe, e conseguintemente tambem o é da nossa intelligencia. Como primeiro principio e primeira causa, e a primeira verdade,—é o primeiro ser, o primeiro intelligivel, mas como não se mostra, como se occulta, por

assim dizer, atraz de suas obras, permanece para nossa intelligencia o Deus escondido:— VERE TU ES DEUS ABSCONDITUS, o Deus invisivel, e nada obstante é impossivel ao ser intelligivel não reconhecer a sua existencia. Porque o que é invisivel *in se* torna-se intelligivel pelo espectaculo dos seres que tem creado. *Invisibilia enin ipsuis per ea, quae facta sunt, intellecta conspicientur.*

Nós não o vemos directamente, immediatamente, ontologicamente, *in se ipsum,* como dizia o divino Malebranche, mas nós o vemos como reflectido, representado em um espelho, e este espelho, é o mundo creado, este espelho somos nós mesmos, este espelho é sobretudo a nossa alma.

Vidimus enim per speculum.

Assim a nossa alma, a nossa intelligencia abstraindo da imagem sensivel, a noção, a idéa dos corpos e de suas propriedades, e tendo se distinguido pelo acto psychico reflexo do mundo physico, e se considerado como principio rudimentar da sensação e do conhecimento, ella chegou por esta especie de *processus* mental a conceber por via de conclusão e deducção, e não por intuição ou por uma percepção immediata, a noção, a idéa d'um ser necessario, primeiro, universal, eterno, infinito, d'este ser real, operante que nós chamamos DEUS. E é pelo conhecimento dos caracteres da idéa que chegamos tambem ao conhecimento dos attributos de Deus, porque é ella que os estabelece.

Portanto, Deus é infinito e indivisivel, porque é indeterminado; é immenso, porque concebe o espaço sem termo; eterno, porque concebe o tempo sem limites; é creador, porque cria as existencias; omnipotente, porque abrange o possivel; substancia universal, porque é verdadeira e puramente a forma simples absoluta.

Resulta do que até agora temos expendido que a investigação da origem das idéas é a base primordial da evolução religiosa. A ella prende-se a grande questão do estudo d'alma, na dynamilogia, e a do estudo de

Deus, na théodicéa ou theologia natural, como acabamos de ver n'este ponto de vista ideologico, e vamos observar no mesmo estudo da razão, cujo processo mental e religioso passamos a expor.

O PONTO DE VISTA CRITERIOLOGICO.

A razão humana, disse Liberatore, é uma força intelligente subsistente em uma força sensitiva, e, conseguintemente tendo por operação o procurar e o conceber o intelligivel na imagem sensivel: *propria operatio ejus est intelligere in phantasmátibus.*

D'est'arte o intellecto e os sentidos concorrem para a evolução religiosa do homem.

Se, de um lado, os sentidos são a condição do exercicio do intellecto, de outro, o intellecto eleva e aperfeiçôa o conhecimento dos sentidos. Se os sentidos são incapazes, sem a intervenção do intellecto agente, de nos fazer conhecer a essencia metaphysica das cousas, do mesmo modo, sem a intervenção dos sentidos e da experimentação, que servem d'apoio á intelligencia, o valor objectivo de suas concepções racionaes não seria sufficientemente assegurado.

A razão é, pois, o sentimento do verdadeiro; é uma revelação da sabedoria e da ordem; umas vezes, penetra no mundo das verdades transcendentes; outras, rodêa-nos das simples noções do senso commum: razão pratica e pura, d'uma parte, toca aos interesses materiaes da humanidade, da outra, em Deus, mas é sempre a mesma razão.

A razão por si só nada explica, mas aponta-nos Deus como explicação de tudo: e de feito, todos os problemas que apresenta o entendimento, todos os phenomenôs, que apresenta a natureza, não podem resolver-se senão em Deus; e é assim que a razão chega a esse conhecimento. Logo, se, pelo testimunho dos sentidos, o *homem* sabe que existe o mundo; pelo testimunho da razão, isto é, pelo sentimento do verdadeiro, sabe que o mundo tem um author; e esta razão não é somente

a razão do homem, é a razão do genero humano, como disse o illustre anerista Aimé Martin.

Logo a razão do homem sob o ponto de vista criteriologico é tambem uma faculdade psychica, que nos revela Deus, e como tal é base da evolução religiosa.

O homem não é um ser unico, isolado e absoluto no mundo, mas é o grande élo da immensa cadeia dos entes que se liga á mão do Creador.

O homem é realmente grande,—o seu pensamento, illuminado pelo Deus que procura, pode alar-se até elle, não só por um impulso d'amor, mas ainda por um esforço colossal da sua razão, e chegar ás luzes da evidencia, que o cercam de todas as partes, e que lhe mostram toda a creação—*espelho onde se reflecte o Altissimo*, consoante a bella expressão de Byron—*Coeli enarrant gloriam Dei.* E' por isso que, a historia, esta sublime mestra da vida, nos aponta por entre as enormes abherrações e desvarios do espirito humano tão bem descriptas por Bossuet *(Vid. Discurso sobre a Hist. Univ.)*, os raios da verdade, banhando de luz as almas dos que querem receber os esplendores da fé.

E' o que tentamos demonstrar n'este rapido estudo da evolução religiosa encarada n'este e em outros pontos de vista.

A Religião sublima o homem e satisfaz as mais nobres aspirações e as mais alevantadas preteuções da razão. Ás asserções dos que negam ao homem a virtude innata que tem de conhecer Deus só pelas forças naturaes, dos *sensualistas empiricos,* que affirmam que o homem não deve occupar-se de Deus, porque nada pode saber acerca d'elle, os ontologistas christãos acodem logo constatando de uma maneira solemne e cathegorica a *força intellectiva* que existe no homem, com o impulso da qual elle pode nos vôos assombrosos da sua razão pura ascender ás alturas ontologicas do primeiro e absoluto Ser.

Esta affirmação exalta, até ao infinito, o dominio do humano saber, delimitando a área dos conhecimentos ra-

cionaes e estabelecendo a existencia de certas verdades, inaccessiveis ao esforço natural da intelligencia.

E hemos de ver que verdades d'esta cathegoria existem, não só na ordem que chamamos sobrenatural, mas ainda, e frequentemente, na ordem natural e puramente scientifica. O proprio orgão do ecclesianismo orthodoxo firmou com uma admiravel precisão a autoridade e a dignidade da razão humana:

O Deus unico e verdadeiro, nosso Creador e Senhor, pode ser conhecido, COM CERTEZA, *pela luz natural da razão humana e por meio das cousas creadas. (Concil. Vat.* Sessão III, *Cap. II de Revel. Canon)».*

Si quis dixerit Deum unum et verum, creatorem et Dominum nostrum, per ea, quae facta sunt naturali rationis humanae lumine certo cognoscere non possit, anathema sit.

O Concilio Ecumenico do Vaticano não se contenta em dizer que Deus pode ser conhecido com uma probabilidade maior ou menor, mas *com certeza* — LUMINE CERTO.

Não sei, se poderá exclamar com o eximio sabio Ardouin, quando a philosophia se expressasse tão magnificamente para exaltar assim a razão!...

Que se não lance, pois, á face do ecclesianismo, como tantas vezes se tem feito, a accusação mentirosa de desconhecer os direitos da razão, de obscurecer a intelligencia, de abafar a s ciencia e de se oppor ao livre progresso do saber humano, como disseram o barão d'Holbach, Feuerbach ë Yves Guiot.

A religião é a guarda a mais fiel, o mais extrenuo defensor das prerogativas humanas. A religião é o aroma que obsta a corrupção da sciencia, disse Bacon; e o grande de Maistre ajunta: — A religião é o maior vehiculo da sciencia; e a sciencia por sua vez, diz A. Nicolás, é um prisma que analysa as verdades reveladas, permittindo-nos conhecer melhor os seus elementos.

E isso se poderá provar com o testemunho irrecusavel de todos os sabios do mundo, expondo os criterios da verdade mitologica no tocante a natureza e principaes

attributos d'este primeiro Ser supremo, que a razão humana ha descoberto. Em face dos dados da san razão ficarão tambem conhecidas as bases da—Evolução religiosa segundo os seus diversos aspectos scientificos.

O que é, pois, Deus em seria sciencia philosophica? Se remontarmos á epoca, em que a cultura intellectual da Grecia fazia deste paiz o luzeiro do mundo, encontramos em Athenas um philosopho, cujo nome, vida e morte nos apresentam a imagem de um profundo pensador, d'um logico habilissimo, d'um sabio tão grande quanto se podia ser no seio do paganismo. Chamava-se Socrates. Eis a idéa, que este sabio fazia de Deus. Socrates inquiria a seu modo o principio das cousas.

Este principio não era, para elle, um ser abstracto ou uma forma cega. Era uma providencia, um ser dotado de todos os attributos da sabedoria e da perfeição. A observação levou-o a conceber, acima de tudo, uma vontade intelligente. Socrates não viu na natureza só ostraços d'uma intelligencia; reconheceu n'ella as provas d'um poder essencialmente bom e cheio de solicitude pelos homens; acreditou na presença constante e na acção infallivel desse poder em todo o universo. Acreditou que tal poder vigia os homens, que conhece os seus pensamentos e que se interessa por elles d'um modo particular.

Socrates, emfim, annunciou ao mundo o grande dogma da Providencia. Acima da lei escripta, indicava as leis não escriptas, gravadas por Deus no coração de todos os homens. D'onde resume-se que a Providencia, que Socrates ensinava, não era só uma providencia geral, estabelecendo leis universaes que regem os acontecimentos particulares, sem que a divindade intervenha, acreditava n'uma providencia peculiar, sempre presente, evoluindo-se em cada um dos acontecimentos, nas diversas phases da vida e por signaes caracteristicos.

Discipulo de Socrates e seu continuador, o *divino* Platão explanou as idéas do seu mestre, expendendo noções ainda mais desenvolvidas a respeito da natureza

de Deus. Segundo este philosopho. Deus é o Bem supremo; creou o mundo, porque é bom; governa-o e rege-o. Deus é o remunerador supremo da virtude, o vingador eterno dos crimes; é a belleza perfeita, o amor absoluto; devemos tender para elle, como o nosso unico bem. Deus gravou a sua imagem, mais ou menos perfeita, nas creaturas podendo assim elevarmo-nos até Elle, pelo conhecimento das cousas sensiveis.

O Deus de Platão tem sido muitas vezes equiparado ao Deus dos christãos. Sabe-se que Santo Agostinho, arrebatado pela leitura das obras de Platão, teve o desejo de conhecer, pelo exame, o criterio da verdade. Já o philosopho grego e christão Numenio, do 2.º seculo, fallando sobre Platão, dizia que elle era Moysés exprimindo-se em grego, e pretendeu provar que Platão copiou bastantes cousas do sabio legislador hebreu o auctor inspirado do *Pentateuco*.

Resumamos n'uma palavra a doutrina deste genio assombroso d'ancianidade pagan: « Deus resolveu crear uma imagem nobre da eternidade, e ordenando o ceu fez, a imitação do ceu, que permanece na unidade, esta imagem da eternidade, que avança conforme o numero, e que temos chamado tempo. Os dias e as noites, os mèzes e os annos não existiam antes, e é, introduzindo a ordem no ceu, que Deus lhes deu origem; são partes do tempo, e como o tempo escapa, o futuro e o passado são formas d'elle, pelas quaes, segundo a nossa ignorancia, nos transportaremos ao ser eterno. Dizemos d'elle: *foi, é, e será;* e eis tudo o que se pode dizer da verdade. (Timeo, *trad Chauvet*).

Aqui vae outro pedacinho de ouro do *divino Platão,* que demonstra exhuberantemente que elle tinha a idéa clara e perfeita do verdadeiro Deus: «Em nome de Deus, brada o philosopho, será possivel que *aquelle que existe absolutamente* não tenha nem movimento, nem vida, nem alma, nem pensamento: que é inerte e privado da augusta e santa intelligencia?—Pode-se por ventura affirmar que elle tem intelligencia e não tem vida? ou que tem ambas as cousas, mas que não tem pensamento?

Poder-se-ha dizer que é pessoal, intelligente, vivo, mas inerte? Tudo isto seria absurdo. »

O sabio oratoriano Gratry, citando essas palavras, opina que Platão chegou *realmente* ao conhecimento do verdadeiro Deus, á verdadeira noção de Deus e de seus attributos, accrescentando ser este o alvitre de Santo Agostinho, de S. Thomaz, de Fenelon, de Bossuet, de Malebranche e de Thomassin. (*Gratry, Conhec. de Deus*, pg. 111.)

Aristoteles, menos idealista que Socrates e Platão, admittiu, todavia, os mesmos attributos em Deus: « Se Deus, diz elle, frue eternamente d'essa felicidade que não conhecemos senão por instantes, é digno de nossa admiração; e ainda é mais digno d'ella, se sua felicidade é maior. Ora, effectivamente, ella é maior. A vida está n'elle, porque a acção da intelligencia é uma vida—e Deus é a propria actualidade tomada em si, é a sua vida perfeita e eterna. » Pelo que se vê, o Deus de Platão era um Deus moral,—o Bem supremo; o de Aristoteles, porem, é um Deus dynamico, auctor e conservador do mundo; infinitamente elevado, acima do Universo, que governa sem esforço e sem fadiga. Na sua obra sobre a Metaphysica, o philosopho stagirico exclama: « Como alguma cousa poderia ser movida antes de existir a força motriz? Logo existe Deus, Deus puro e supremo espirito. Deus é a *causa* de todo o movimento, porque nada entra em movimento, senão pela acção d'um motor já existente; logo Deus é inmutavel, immaterial, actividade pura, espirito purissimo; elle é a fonte de toda a vida ou antes a mesma vida na sua mais alta potencia.

O espirito humano deve ter um objecto digno de si; este objecto do seu pensamento é o proprio Deus.

E' neste conhecimento de si mesmo que Deus faz consistir toda a sua felicidade. Deus faz mover o universo como o objecto do seu amor universal, porque é Elle o bem supremo, o principio de toda a vida e o ser unico, tanto pela especie como pelo numero. Só ha um principio supremo; aquelles que admittem uma serie

infinita de sêres tendo cada um seu principio proprio derrocam a unidade do mundo e substituem-lhe uma multidão d'individualidades independentes umas das outras, o que é o contrario do que existe realmente. *(Arist. Metaph. II t. 3 etc.)*

O grande philosopho e orador romano Cicero disse: « A existencia de Deus é uma cousa tão clara e tão manifesta que eu não acredito no bom senso de quem a negasse. O espirito humano, tal qual é, deve forçosamente nos fazer remontar a uma outra intelligencia superior e que seja divina.

A nação a mais barbara e a mais feroz poderá ignorar qual é o Deus que deve honrar, mas nunca desconhecerá que deve adorar um. E de feito, parece que reconhecendo o Deus que o creou, o homem não faz mais do que recordar-se d'Elle. *(Cicero de nat. Deorum II. p. 44, 24.)*

O sublime medico grego Hippocrates, fallando da hygiene e da grande therapeutica d'alma, clama em o seu bello opusculo—De *natura hominis:* « Os medicos devem ter o culto dos deuses, porque o Omnipotente intervem por toda a parte mediante a sua Providencia e a ninguem recusa os seus soccorros.

E' elevando-se até Deus pela sciencia e a contemplação da natureza que se chega á verdadeira philosophia.

O amor da sciencia conduz ao amor da humanidade, porque os dois amores são inseparaveis.

Ninguem mais do que o medico pode proclamar mais alto o dogma racional da Providencia, porque elle o absorve todo no estudo aprofundado do homem o da natureza. »

O philosopho ethnico chinez Lao-Tseu, em o seu livro das recompensas e das penas, traduzido por M. de Remusat, disse: « Antes do chaos que precedeu o nascimento do ceu e da terra, um só ser existia, immenso, silencioso, immutavel e que age sempre, sem nunca se alterar. O TAO-TE-KING (razão suprema e primordial

marcada pelo signal **IHV)** produz um, um produz dois, dois produz tres e tres produz todas as cousas. »

O signal—IHV é—lettra por lettra,—o nome hebraico de JEHOVAT, signal precioso que vem confirmar o que indicava já a traducção chineza referente a uma viagem de LAO-TSEU ao Occidente e provavelmente até Babylonia.

O imperador pagão Marco Aurelio, escrevendo os seus pensamentos sobre o ser supremo, assim concebeu a idéa do Deus creador do universo: « Todas as cousas estão ligadas entre si por um encadeamento sagrado e não ha talvez uma só que seja estranha a outra; porque todos os sêres foram combinados para formar um complexo d'onde depende a belleza do universo. Só existe um mundo que abranje tudo; um só Deus que está por toda a parte; uma só materia elementar; uma só lei que é a razão commum a todos os sêres intelligentes e uma só verdade, como tambem um só estado de perfeição para as cousas do mesmo genero e para os sêres que participam da mesma razão. »

Relativamente á Providencia este philosopho coroado ajuntou: « A Asia, a Europa não são mais do que pequenos cantos do universo. Todo o oceano não é senão uma gotta d'agua; o monte Athos, um grão d'areia; o seculo presente, um ponto da eternidade.

Todas as cousas são pequenas, mudaveis, pereciveis, e tudo vem do alto e promana da razão universal, ou immediatamente, ou pela sequencia d'uma primeira vontade ordenadora.

Nada é estranho áquelle que adoramos; portanto deve-se pensar melhor sobre a origem de tudo. *(Marc. Aurel. pensées. cp. III, p. 24.)*

Jamblico, philosopho neo platonico, descrevendo a vida de Pythagoras, cita as seguintes palavras do grande fundador da escola italica: « Tudo se explica pelos numeros e suas combinações. Deus é a unidade absoluta ou primordial, a monada das monadas, a origem de todas as

cousas, o pae, a alma de todos os sêres, o motor de todas as espheras; créar para elle é pensar e querer.

Este Deus *unico* tem sempre o olho aberto sobre tudo o que nasce e se produz. A alma é um numero que se move a si proprio. O mundo é um todo harmoniosamente ordenado (Kosmos).

O sol é como o seu centro e todos os outros corpos celestes se movem em redor d'elle formando uma especie de musica divina. »

Hermes Trismegista, o Thoth ou Mercurio dos Egypcios, a quem os gregos consideravam como o pae de todas as sciencias, o legislador e o bemfeitor do Egypto, a quem se attribuio a invenção da linguagem, do alphabeto, da escriptura, d'arithmetica, da astronomia, da medicina; que era o instituidor da religião e das ceremonias, o creador da esculptura, da architectura, da musica, emfim, de todas as artes; que se julgava auctor de muitas obras referentes a religião e as sciencias, que são conhecidas sob o nome de LIVROS HERMETICOS; esse HERMÉS TRISMEGISTA considerado entre os padres egypcios como o symbolo da intelligencia divina (o *Logos* de *Platão)* e a personificação de toda a sciencia, disse em um dos livros que se lhe attribuem, e cujo principal é denominado *Paemander* ou dialogo sobre o poder e a sabedoria divina, sobre a natureza das cousas e a creação dos mundos—o seguinte: « A intelligencia, que é Deus produziu com o Verbo, que é seu pensamento, um outro ser operante.

Schou é o Deus do mundo; está acima dos ceus e de suas imagens sobre a terra; o incenso lhe é offerecido cada dia ao romper da aurora. A intelligencia, pae de tudo, procreou o homem semelhante a si, e o acolheu como um filho; porque era bello e era a imagem de seu pae. O homem depois seduzido pelo *mao genio* quiz penetrar os arcanos da harmonia superior, mas cahiu por esta causa na escravidão, porem sua alma é immortal: depois da morte, os sentidos voltam a sua origem; o corpo dissolve-se, e o espirito remonta d'harmonia em

harmonia por sete circulos até a essencia de Deus. (*Annales* de *Phil Chret. de* M. Rougé, *et L'Univers pittoresque* de Champollion.)

O anachoreta indiano Wyasa, a um tempo theologo, philosopho e poeta, que redigiu os 18 *Pouranas,* compoz o famoso e vasto poema intitulado *Mahâbhàrata,* e que é presumido autor dos systemas philosophicos cujos principios vem consignados no VEDANTA-DARSANA, e no MANOVA-DARMA-SASTRA,—assim se exprimiu sobre o monotheismo SENNAARENSE: «Originariamente só existia uma alma, e nada mais existia!... O Ser pensou:—Eu crearei os mundos, e assim creou os mundos, a agua, a luz, os elementos, emfim, todas as cousas mortaes. Pensou: eis que surgiram os mundos: —Eu crearei guardas para estes mundos. Ora a quem devemos, pois, offerecer nossas oblações senão áquelle Deus unico que fez o firmamento fluido e a terra solida, que fixou o orbe solar e a celeste mansão, que formou as gottas de chuva na atmosphera? Aquelle que a terra e o céo contemplam mentalmente e ficam obumbrados pelos esplendores de seus dons e beneficios?!... Elle é o Deus supremo; PRAGAPATI, o Senhor das creaturas; ASURA, o espirito; DAKSHÁ, o omnipotente; MITRA, o bemfeitor; DHATAR, o Creador etc.» (Vid. de *Riancey*).

Xenophonte, philosopho e historiador grego, em as suas *Conversações memoraveis de Socrates*, disse que: « Imitar a Deus é sobretudo amar aos homens, porque Deus é eminentemente bom e philanthropo. Sim, elle ama aos homens e quiz que o homem exercesse seu dominio sobre a natureza. A elle só deu o poder de *viver* como *deus* em lhe outorgando o privilegio da razão. Nós lhe devemos, pois, um culto de reconhecimento, de temor respeitoso e d'amor porque elle nos ama loucamente. »

Emfim Zoroastro, o autor do *Zend-Avesta,* o fundador do *mazdeismo,* o philosopho, o legislador e propheta persa, vem como fechar com uma chave d'ouro

a evolução embrionaria da idéa religiosa de Deus concebida pela razão philosophica da sciencia pagan.

Recolhamos as ultimas phrases do *Zend-Avesta*: «Tudo o que ha de bom vem d'*Ormuzd*, tudo o que ha de mal vem d'*Ahriman*. Mas, no *fim dos seculos*, Ormuzd triumphará.

Um dia *surgirá* um *Grande Propheta*, que *consummará a obra* que o *fiel Mazdéen* (Zoroastro) tiver começado, e que esmagará com um só golpe o poder do principe das trevas.»

Este *grande Propheta*, de que nos falla aqui o insigne reformador *Zerdust*, não é outro senão Jesus Christo, que é. e ha de ser o nucleo central de toda a evolução. religiosa.

Portanto a sciencia não póde, sob pena de abdicar o seu nome e o seu caracter, ater-se a méras supposições que em nada satisfazem a nossa curiosidade; nós devemos proceder com prudencia, limitando nossas pesquizas, e não atirar face ás do mundo culto affirmações gratuitas como as que tem feito o Snr. Letourneau que avançou sem provas que o Christianismo « *est fait de piéces et de morceaux*; que—*la religion de la Croix n'a pas même inventé son symbole* (sic.) »

A sciencia não deve aventurar-se nas trevas que envolvem o berço dos mundos e das religiões. Deixemos ao Creador do Universo o insondavel segredo de suas mysteriosas origens.

Só Deus pode dar o fio de Ariadne que nos conduza nos emmaranhados labyrinthos da vida até chegarmos um dia a resolver os problemas que aqui apenas apresentamos! Nós não fallamos aqui da *meia sciencia*, porque o que lhe falta não são os conhecimentos, mas o conhecimento d'aquillo que ella nega; fallamos, sim, dos que por serem philosophos, naturalistas, jurisconsultos, mathematicos, medicos etc., julgam-se só por isso theologos. A estes bem se pode applicar o dito de Esopo: *Ex sutore medicus!*

Que importa que a religião de Christo tenha vis-

lumbres, toques, frisos das outras religiões, ou seja um FAC SIMILE das instituições religiosas da humanidade?! Por maiores que sejam as analogias que se queira assignalar entre o seu ensino e as concepções religiosas e philosophicas do antigo mundo, ellas de maneira alguma diminuem a sua originalidade. A evolução religiosa e philosophica do ethnicismo approximada da historia mesma das origens do Christianismo prova uma só cousa —o caracter proprio e difinitivo do christianismo, como a religião de complemento.

O Cristianismo é evidentemente a forma religiosa a mais alta e a mais sublime que ha no mundo e ao mesmo tempo a mais simples. Elle encara puramente o fim religioso, a união com Deus, e dá os meios de attingil-a. N'elle acaba a evolução religiosa.

Os pensamentos, pois, que adduzimos em prol da natureza de Deus, extrahidos das obras dos mais afamados philosophos e religionistas pagãos, só provam uma cousa e é que por mais alto que se eleve por vezes o idéal dos mestres de religião, não passará nunca de um ideal, e permanecerá sempre entre elle e o Evangelho, para os christãos, a distancia que medeia entre uma idéa e sua plena e cabal realisação.

A noção pura do verdadeiro Deus entrevista, pressentida e exposta pelos sabios e philosophos do mundo antigo, que para nós constitue o inicio da embryonaria evolução religiosa, foi necessariamente determinada, realisada, consummada, e sagrada pela uncção verdadeira do grande instituidor do Christianismo, Jesus Christo, o pensamento central e unico da humanidade.

Para precisar melhor o nosso ponto de vista critériologico sobre esta EVOLUÇÃO RELIGIOSA estudaremos como os grandes genios da nossa era conceberam o grande Ser que adoramos. Sem duvida, os modernos pensadores, vivendo em um meio social christão, sob todo o influxo da revelação ontologica—muitas vezes não só pelas luzes de sua razão chegaram ao conhecimento do verdadeiro Deus como poderam demonstrar por meio da simples razão os principaes attributos de Deus.

Basta isto para provar a these, que os dados da san razão e da sciencia estão d'accordo com a revelação e com a fé catholica, e que a causa dos nossos erros, como veremos, é a falta d'aquella luz forte e suave que cegou e illuminou o discipulo de Gamaliel no caminho de Damasco.

CONEGO RAYMUNDO ULYSSES DE PENNAFORT. (*)

(Continúa.)

(*) Conego Raymundo Ulysses de Pennafort, acceito socio correspondente em sessão de 15 de Dezembro de 1896.

Nasceu a 25 de Novembro de 1855 na cidade de Jardim, Ceará, sendo seus progenitores Manoel Cavalcante de Albuquerque Mello e D. Genoveva Candida Brazil de Albuquerque Pennafort.

Fundador e Reitor da Arcadia Americana n'Amazonia, Socio correspondente de L'Union des Associations de La Presse Ibero-Ameriquaine, Membro Cooperador de La Union Catolica del Perú, Membro Cooperador Salesiano do Instituto D. Bosco de Turin e Nictheroy, Socius et Confrater Ordinis Praedicatorum vel SS. Rosarii, Socio correspondente da Arcadia Fluminense e da Arcadia Romana, Membro da Academia Polyglotta da Italia, de La Societé Asiatique des Langues Orientales Vivantes, de Paris e da Mina Litteraria do Pará.

